



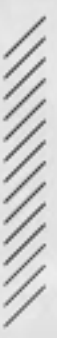
UNIBRA

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO - MÓDULO I

SUMÁRIO (MÓDULO I)

1.1 ANTIGUIDADE GREGA: A PAIDEIA	03
1.2 O CONCEITO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	06
1.3 NECESSIDADE DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	09
REFERÊNCIAS	20



FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO



INTRODUÇÃO À FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

1.1 ANTIGUIDADE GREGA: A PAIDEIA

A educação grega estava centrada na formação integral - corpo e espírito -, não obstante, de fato, a ênfase se deslocasse ora para o preparo militar (Esparta), ora para o debate intelectual (Atenas). De acordo com Franco Cambi (1999), um historiador da educação,

até seus ideais e modelos educativos se caracterizavam de maneira oposta pela perspectiva militar de formação de cidadãos-guerreiros, homogêneos à ideologia de uma sociedade fechada e compacta, ou por um tipo de formação cultural e aberta, que valorizava o indivíduo e suas capacidades de construção do próprio mundo interior e social. Esparta e Atenas deram vida a dois ideais de educação: um baseado no conformismo e no estatismo, outro na concepção de *paideia*, de formação humana livre e nutrida de experiência diversas, sociais mas também culturais e antropológicas.

Essa ênfase dada à formação integral deu origem a um conceito de complexa definição – *paideia* – palavra que teria surgido do século V a.C., mas que exprimia um ideal de formação constante no mundo grego. O helenista Werner Jaeger, que escreveu uma obra intitulada *Paideia*, afirma:

não se pode evitar o emprego de expressões modernas como *civilização*, *cultura*, *tradição*, *literatura* ou *educação*; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendiam por *paideia*.

Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de emprega-los todos de uma só vez.

Ao discutir os fins da *paideia*, os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental. Questões como – o que é melhor ensinar?; como é melhor ensinar?; para que ensinar – enriqueceram as reflexões dos filósofos e marcaram diversas tendências pedagógicas.

Vale lembrar que a divisão clássica da filosofia grega está centralizada na figura de Sócrates, pensador que veremos a seguir.

A origem da filosofia remonta a Grécia antiga, sendo que a própria palavra “filosofia” é de origem grega, significando literalmente amor (*philos*) à sabedoria (*sophia*). O pensamento filosófico surgiu como uma alternativa para as explicações mitológicas e religiosas anteriores a ele. Ao invés da aceitação da explicação do fundamento e origem da realidade exclusivamente no apelo aos deuses, os primeiros filósofos gregos sugeriram especulativamente princípios explicativos naturais ou abstratos para explicar a origem do mundo.

A partir daí, o pensamento filosófico não parou de se desenvolver. À medida que os filósofos iniciavam uma investigação em busca de um conjunto mínimo de generalizações verdadeiras, com base em ideias críticas, logo surgia outro pensador que contestava tais ideias, porém não havia uma preocupação em se chegar a um acordo consensual sobre a verdade dessas generalizações.

Assim, o pensamento filosófico compreende uma imensa construção realizada no decorrer dos séculos e pode-se afirmar que é impossível imaginar o pensamento humano atual independentemente desse pensamento filosófico que o ser humano construiu até o presente. De modo geral, o pensamento filosófico envolve uma profunda reflexão

acerca de questões que dizem respeito ao ser humano e sua existência.

04

Para Gramsci (*apud* OLIVEIRA, 1985), um movimento filosófico só merece este nome na medida em que no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com aquilo que é simples, sendo que encontra nesse contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e solucionados.

Neste sentido, Chauí (2002) sustenta que a atitude filosófica emerge das questões do dia-a-dia ao serem abordadas de modo diverso daquele do senso comum, adotando-se uma perspectiva crítica. A primeira característica da atitude filosófica é negativa, ou seja, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”.

Já a segunda atitude filosófica é positiva, ou seja, consiste em uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, etc. É também uma interrogação sobre o porquê de tudo e do próprio ser humano e uma interrogação sobre o como tudo é assim e não de outro modo (CHAUÍ, 2002).

O pensamento filosófico não se faz sem a reflexão. Reflexão significa movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo, interrogando-se a si mesmo. Assim, a filosofia compreende a busca de algo por si mesmo através da especulação e da reflexão. A reflexão filosófica se volta tanto para o pensamento sobre si mesmo, mas também está voltada para as relações do ser humano com a realidade que o cerca (CHAUÍ, 2002).



Podemos ainda acrescentar que a reflexão significa examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. Filosofar é atuar sobre o próprio conhecimento científico, interrogar-se sobre este saber, problematizando-o. Definir a filosofia como reflexão é ver nela um conhecimento não de primeiro grau, mas de segundo, um conhecimento do conhecimento, um saber do saber.

05

Enquanto que o conhecimento científico se limita àquilo que é visível, a filosofia parte do visível e segue em direção ao invisível, uma vez que seu objeto formal se situa além do mundo dos fenômenos e da experiência sensível. Ou seja, a ciência se limita ao domínio do que pode ser observado pelos sentidos, ao passo que a filosofia se orienta em direção ao conhecimento dos princípios que, por sua natureza mesma, escapam à percepção dos sentidos. Em virtude da grandeza que a filosofia possui como forma de estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão acerca do ser humano e, por conseguinte, de todo o processo educativo e das teorias de educação desenvolvidas ao longo do desenvolvimento da humanidade, infere-se a importância da Filosofia da Educação.

1.2 O CONCEITO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Desde a antiguidade, a filosofia costuma ser dividida em teoria e prática. A filosofia teórica está subdividida em epistemologia e metafísica. A epistemologia ou teoria do conhecimento ocupa-se da investigação da natureza, origem e limites do conhecimento. A metafísica ocupa-se de uma investigação do “ser enquanto ser”, ou seja, dos objetos, como as propriedades, as substâncias, os estados de coisas, o espaço e o tempo, que constituem o mais amplo domínio do conhecimento além dos modos como esses objetos se relacionam entre si.



Conforme o pensamento filosófico teórico, a filosofia pode ser conceituada como o estudo teórico da realidade ou como a busca da sabedoria por si mesma, que resulta em uma explicação do mundo carente de mitologia, ou que, ainda que coincidindo com a mitologia, usa um método racional-especulativo (MORA, 2001).

Já a filosofia prática é aquela que se ocupa com a atividade humana e os produtos que resultam dessa atividade, envolvendo as áreas de filosofia social e política, filosofia da ação, o domínio central da ética (que

06

investiga a ação moral), a filosofia da cultura (que investiga de uma maneira ampla as mudanças efetivadas pela sociedade humana), a filosofia da arte ou estética, etc. (COSTA, 2002). Também é na filosofia prática que se inclui a disciplina da Filosofia da Educação.

De acordo com Mora (2001), no campo prático a filosofia pode ser concebida como a norma mais adequada para a ação, como arte da vida com base em princípios da razão. Assim, a filosofia da educação procura fundamentar os princípios da educação que orientam a prática educativa, através de reflexões acerca dessas práticas. Dessa ideia, podemos depreender a seguinte questão, formulada e respondida por Ivan da Silva Pereira Sobrinho:

Em que se baseia a Filosofia da Educação? Sua resposta pode sofrer variações dependendo do que se conhece acerca de filosofia. A filosofia, do ponto analítico, é o estudo crítico e exploração dos conceitos e princípios das tradições religiosas, das certezas e argumentações, dos princípios e angústias da humanidade. É a reflexão sobre a reflexão, ou seja, é uma atividade



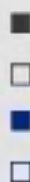
reflexiva de segunda ordem, pois se sustenta sobre outras atividades reflexivas, outras maneiras de pensar; atividade baseada na análise crítica de seus próprios conceitos e pressuposições, a fim de entender suas maneiras de discussão e dedução, dentro de cada área da ciência intelectual (SOBRINHO, 2015, p. 03).

Desse modo, na disciplina de Filosofia da Educação, a filosofia se coloca como forma de conhecimento e a educação como um problema filosófico. Os dois termos juntos representam o estudo dos fundamentos das teorias e práticas educativas na sociedade. Neste sentido, sustenta-se que a Filosofia da Educação não será outra coisa senão uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta.

07

Assim, ouve-se falar em Filosofia da Educação da “Escola Nova”, Filosofia da Educação da “Escola Tradicional”, Filosofia da Educação do “Governo Brasileiro” etc.; e sabe-se que não se trata aí da reflexão dos educadores da “Escola Nova”, dos educadores da “Escola Tradicional”, etc, sobre problemas educacionais, mas puramente na ideia que supostamente essas linhas de pensamento desenvolvem. Por isso, é preciso ir mais a fundo nas noções e ideias a fim de extrair-lhes o que efetivamente esses pensadores propõem e discutem.

Dito isso, devemos compreender que o termo filosofia, nos casos acima, diz respeito a uma orientação que rege essas “escolas”. Essa orientação pode ou não ser consequência da reflexão. No primeiro caso, o nome que lhe cabe é ideologia (teoria educacional) e no segundo, filosofia de vida. Entretanto, a Filosofia da Educação não



pode ser reduzida nem a uma nem a outra. A atividade educacional, como as demais atividades humanas, se insere em um processo dialético que permite passar da ação (fundada na filosofia de vida) à ação (fundada na ideologia) pela mediação da reflexão.

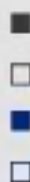
Deste modo, para o educador a Filosofia da Educação constitui essa mediação necessária. Por isso, a sua função não consiste em determinar, *a priori*, princípios e objetivos para a educação. Da mesma maneira, também não se reduzirá a uma teoria geral da educação enquanto ordenação dos seus resultados. A função essencial da Filosofia da Educação consiste em acompanhar, criticamente, a atividade educacional de forma a explicitar os seus fundamentos, esclarecer a função e a contribuição das diversas disciplinas pedagógicas e avaliar o significado das soluções escolhidas. Em outras palavras, é a manutenção de um constante exercício reflexivo acerca do processo educacional.

As teorias educacionais não são possíveis sem uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto que possibilite passar do senso comum ao senso filosófico da práxis. Só a partir daí é que será possível inserir a educação

08

na totalidade da práxis histórica, na qual se assumirá a verdadeira significação das práticas educacionais dentro de seu contexto intra e interhumano, conforme nos ilustra Ivan Sobrinho, ao falar sobre a pedagogia freireana:

O pensamento de Freire (1992) está fundamentado no anseio de formar uma sociedade mais justa e igualitária, a partir da formação plena dos estudantes. Sua pedagogia enfatiza a necessidade de uma reflexão profunda sobre a prática educativa; para ele, a falta de reflexão faz da teoria apenas um discurso vago e a prática, por



sua vez, torna-se uma mera reprodução alienada. Assim, é essencial que a teoria seja adequada à prática diária do professor; além disso, a prática crítica e a valorização das emoções devem estar lado a lado (SOBRINHO, 2015, p. 05-06).

1.3 NECESSIDADE DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Tem-se que o conhecimento filosófico, quando comparado ao conhecimento científico, é um conhecimento profundo e mais geral. Embora cada ciência seja autônoma dentro de seu campo de pesquisa, todas elas, de certa forma, e em certa medida, estão subordinadas à filosofia, a qual possui a competência de, em defesa de seus princípios, julgar as conclusões da ciência e orientar a atividade científica.

Entretanto, conforme Bello (1969), isso não significa que as ciências dependam da filosofia no seu desenvolvimento intrínseco, porém apenas nos princípios que à filosofia compete explicar e justificar. É esta relação que se estabelece entre a Filosofia e a Pedagogia: cabe a filosofia da educação justificar e explicar os princípios nos quais se pautam o desenvolvimento das teorias pedagógicas. Assim o entendimento acerca do papel da filosofia torna-se clarividente pois a filosofia não tem a intenção de dar o veredicto final, mas, outrossim, possui a tarefa de analisar com clareza as possíveis respostas que decorrem da linha pedagógica se propõe a dar à educação.

Não obstante, pela própria natureza de ciência normativa e moral, pode-se afirmar que a dependência da pedagogia em relação à filosofia é mais estrita do que aquela que ocorre entre a filosofia e as ciências puramente especulativas ou naturais. Enquanto que as ciências especulativas se destinam a investigar como são as coisas, limitando-se a conhecer, sem tentar de forma alguma modificar o

objeto do conhecimento, as ciências normativas procuram, não apenas conhecer a realidade, mas, também, o ideal e os meios de se atingir esse ideal.

As ciências especulativas investigam objetos, fatos, acontecimentos naturais e as ciências normativas, como a pedagogia, têm por objeto o ser humano e toda a sua complexidade, propondo-se a atuar sobre ele para que o mesmo se torne alguém preparado para a vivência digna e pacífica em sociedade. A construção do ser humano é o objeto da pedagogia e a educação corresponde a um conjunto ou sistema de atos, mediante os quais se procura elevar o ser humano de sua natureza real à sua natureza ideal. É importante ressaltar que a Filosofia Educacional também é especulativa, analítica e prescritiva. É especulativa quando procura estabelecer teorias da natureza do ser humano, da sociedade e do mundo, através da pesquisa educacional e das ciências do comportamento. É analítica quando examina a racionalidade das ideias educacionais, sua coerência em relação a outras ideias e os processos pelos quais o pensamento impreciso as distorce. É prescritiva quando especifica os fins a que a educação deve obedecer e os meios gerais que deve usar para atingi-la.

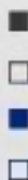
Em suma, a Filosofia da Educação examina a lógica dos conceitos desenvolvidos e sua inadequação aos fatos que pretendem explicar. Acima de tudo, assegura Kneller (1981) ela procura esclarecer os múltiplos significados diferentes que foram ligados a expressões educacionais tão desgastadas, como crescimento, experiência, necessidades e conhecimento. Ou ainda, conforme Cátia Picollo Viero, Amarildo Luiz Trevisan e Elaine Conte, que a Filosofia da Educação não segue um discurso uníssono e unívoco:



Presente na dicotomia e na relação que parece animá-la, a filosofia da educação [...] tematiza o contraste entre cultura científica e cultura humanística. A diversificação, bastante clara nos últimos anos, permeia de um lado a filosofia de cunho descritivo e, de outro, a filosofia de tipo histórico e ontológico. Pode-se dizer que as correntes se desenvolvem de forma paralela, com momentos de encontro e desencontro de princípios e estilos. E, na ambigüidade, os mal-entendidos são inevitáveis. As múltiplas designações da tarefa do filósofo, explanadas pelas tradições, têm dificultado a compreensão do papel da filosofia na educação, provocando incompatibilidades no ensino acadêmico da disciplina. Muitos professores ainda não entenderam claramente o que trata cada tradição, utilizando-se das teorias de forma paradoxal. Ora seguem um método de filosofar investigativo, ora simplesmente repassam verdades filosóficas. E ainda há os professores que assumem utopicamente uma ou outra linha filosófica, iluminando pensamentos alheios às necessidades atuais. Sem dúvida, o reconhecimento não elucidado das discussões filosóficas tem demonstrado no campo teórico e prático, uma convivência conflituosa na atividade da disciplina. (TREVISAN et al, 2004, p. 94).

Bello (1969) sustenta que nem a natureza real do ser humano, nem a sua natureza ideal poderão ser devidamente conceituados sem o auxílio da filosofia. Esses conceitos estão além do domínio da ciência e por isso, a ciência por si só não pode estabelecer teorias nem orientar a educação, que precisa ter conhecimento, antes de tudo, do que é o ser humano, qual a sua natureza e a escala de valores que necessariamente abrange.

Assim, Rusk (*apud* BELLO, 1969), define a relação existente entre a filosofia e a ciência da educação afirmando que a filosofia formula aquilo que concebe como a finalidade da vida e a pedagogia oferece sugestões para a realização deste fim. Disso tudo, se infere que é imprescindível o estudo dos problemas e das teorias da



educação, não só sob o ponto de vista da ciência, mas, sobretudo, do ponto de vista filosófico.

Para tanto, é preciso compreender que nenhuma teoria está desacoplada de sua realidade empírica e social. A filosofia, quando associada a educação, tem como escopo compreender criticamente o mundo. Na verdade, cada modo de pensar engendra um modo de agir com e sobre o mundo. Diante disso, é um equívoco o pensamento de que a filosofia (nesse caso, ligada a educação) é algo apartado ou dissociado do mundo. Assim, afirma Sobrinho, falando da Pedagogia Crítica-Social:

[...] a Pedagogia Crítica-social está baseada na responsabilidade com os dilemas sociais; entre suas ações está o estudo das instituições escolares no seu contexto histórico, social e político, avaliação do processo de aprendizagem, por meio de reflexões acerca das desigualdades sociais e suas consequências dentro do processo de ensino (SOBRINHO, 2015, p. 10)

Essa concepção filosófico-pedagógica nos insere num contexto mais amplo, a saber, o de mostrar que o pensamento filosófico associado à pedagogia não é inócuo, vazio ou desprovido de intencionalidade. Não obstante, a Filosofia da Educação procura compreender a educação em sua integridade, interpretando-a por intermédio de conceitos gerais que guiam a escolha de objetivos e diretrizes educacionais. Da mesma forma que a filosofia geral procura coordenar as descobertas e conclusões das diferentes ciências, a Filosofia da Educação interpreta-as à medida que se relacionam com a educação.

Para Kneller (1981), as teorias científicas não comportam implicações educacionais diretas, sendo que não podem ser



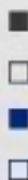
aplicadas à prática educacional sem que primeiramente sejam examinadas pela prática filosófica. Contudo, a Filosofia Educacional depende da filosofia geral, pois não pode criticar a política educacional vigente ou até mesmo sugerir novas diretrizes educacionais sem levar em consideração, problemas filosóficos gerais como a natureza do próprio ser humano e da sociedade, pois a educação compreende um processo social dialético contínuo.

12

Para que a pedagogia alcance o cumprimento real de sua tarefa de educar o ser humano deve, necessariamente, integrar-se à filosofia que se preocupa com os problemas mais profundos, como a natureza da vida intelectual, os valores morais, o ideal da vida e outras questões que constituem a Filosofia da Educação. Como afirma Nadja Hermann:

O fundamento confere à educação um solo seguro, sob o qual seria possível assentar a vida humana plena, integrada na totalidade cósmica e social: uma busca de antídoto para a falta, a transitoriedade, a particularidade. Filosofia é, então, um fundamento que indica os fins da educação, o que é a natureza humana, o que é o sujeito etc., e a pesquisa em filosofia se propõe a desdobrar esse vínculo. (HERMANN, 2015, p. 221)

Além disso, a filosofia pretende evitar que o resultado dos esforços da coletividade dos especialistas seja uma soma progressiva de descobertas fragmentárias, de cuja ligação poucos se preocupam. As questões de metodologia de ensino, por exemplo, que parecem inteiramente destituídas de qualquer ligação com a filosofia, estão, ao contrário, como argumenta Bello (1969) sujeitas à crítica filosófica, como já estão todas as proposições científicas.



Além disso, a didática está diretamente relacionada com a filosofia da Educação, pois como qualquer outro aspecto da pedagogia, ela é caracterizada por um vínculo estreito com o pensamento filosófico. Os problemas fundamentais da didática, como as funções da aprendizagem, o plano de estudos e o método são, de certa forma, problemas filosóficos, uma vez que fazem referência a valores, estimativas e ideais, o que está situado para além do alcance das outras ciências especulativas.

Portanto, caso se verifique alguma incompatibilidade entre qualquer proposição metodológica e a Filosofia da Educação, cabe à metodologia

13

realizar suas investigações, reexaminando as inferências que colidem com a verdade filosófica. Assim, as deficiências dos métodos em educação não podem ser julgados somente à luz da metodologia, mas também, com base nos pressupostos filosóficos. O mesmo procedimento ocorre com as demais matérias relacionadas à ciência pedagógica, as quais constituem objeto da Filosofia da Educação.

Contudo, Bello (1969), argumenta que a Filosofia da Educação possui um objeto formal mais estrito, uma vez que estuda certos problemas que, sob nenhum de seus aspectos podem ser enquadrados no setor de outro ramo do conhecimento, como os problemas que constituem a axiologia pedagógica, que trata das questões dos valores em educação, dos fins e ideais educativos. Por isso, é preciso compreender que certos conceitos ou teorias filosóficas tem o papel de problematizar aquilo que, num primeiro momento, parecia ser óbvio ou extremamente simples, pois como afirma Herrmann:



Pode-se mostrar que situações problemáticas da vida social e educacional se explicam com teorias e processos que não haviam sido descobertos até então. Conceitos como *sociedade disciplinar* ou *biopolítica*, de Michel Foucault, ou *colonização do mundo de vida*, de Jürgen Habermas, são exemplos disso, pois mostram como as humanidades auxiliam a compreender a educação de modo a tornar mais visível os conflitos da vida e a explorar os paradoxos da educação em seus extremos. Por isso, ela produz complexidades, na medida em que desarma nossas simplificações e nos direciona para outro horizonte interpretativo. (HERMANN, 2015, p. 225, grifo no original).

Por esse viés, as ciências filosóficas contribuem, de algum modo, para a solução do problema dos ideais da educação, pois uma vez que o conhecimento filosófico parte do visível para o invisível (mas sem intenções metafísicas), da realidade sensível para a realidade que está além dos sentidos, dos fenômenos para as suas causas primeiras, não pode deixar de receber subsídios de todas as ciências que estudam os fatos concretos e sensíveis e as suas causas mais próximas.

14

A teoria e prática da educação pressupõem ideias sobre a natureza humana e a natureza da realidade e, por isso, possuem caráter filosófico. E da mesma forma que a filosofia formal procura interpretar e entender a realidade como um todo, explicando-a de maneira mais genérica e sistemática, também a filosofia educacional busca a compreensão da educação e sua integridade, interpretando-a por intermédio de conceitos gerais que conduzem a escolha dos objetivos e das diretrizes educacionais. Não se pode criticar uma determinada política educacional, bem como sugerir novas diretrizes, sem levar em consideração problemas filosóficos gerais.



De acordo com Redden e Rian (1973), várias tentativas foram empreendidas no sentido de estabelecer teorias e práticas da educação em outros fundamentos que não os da filosofia, negando ou ignorando a relação existente entre as duas. Outrossim, o principal problema repousa justamente na equivocada exclusão recíproca das duas correntes, pois pensar a educação, em outras palavras, implica necessariamente em filosofia da educação.

Uma destas interpretações que pretendeu romper a ligação que há entre filosofia e educação é a interpretação puramente científica. Os expoentes dessa interpretação sustentavam que, quando a educação depende apenas da filosofia, ela se afasta do reino das ciências objetivas e torna-se, por isso, especulativa, racionalista e não prática. Estabelecem que as ciências naturais tratam de quantidades mensuráveis, possuidoras de objetividade e uniformidade. Em decorrência de sua exatidão, precisão e validade, tais ciências são tidas como verdadeiramente científicas. Essa interpretação sustentava que a educação também deveria ser como as ciências naturais, podendo ser medida de modo cuidadoso, quantitativo e, tanto quanto possível, qualitativamente; a educação deveria ser uma ciência que pudesse ser aplicada uniformemente e considerada impessoalmente.

Este ponto de vista teve origem no naturalismo que estabeleceu a ciência natural como sendo a única ciência e seus métodos como os

únicos métodos científicos. Assim, a educação, caso pretendesse ser considerada verdadeiramente como ciência, deveria dotar esse método científico. Essa aproximação positivista da educação com a prática educacional não engendrou resultados efetivamente benéficos, já que o distanciamento entre filosofia e educação não parece ter resultado em um “progresso científico



da educação”, pois o que estabelece-se um deslocamento na relação entre filosofia e educação, que deixa de ser próxima e familiar para se tornar estranha e distante, sobretudo pela queda de um fundamento do qual todas as ações pedagógicas poderiam ser deduzidas. Novas interpretações indicam que não temos mais a necessidade de articular todas as cosmovisões numa unidade, como foi o caso do humanismo cristão. A isso se associa também a disciplinarização da filosofia, que passa a ser cada vez mais submetida à especialização, abandonando a ideia de totalidade. [...] No cenário da educação, por um lado, vemos ampliar um leque de diferenciação de disciplinas, acompanhadas de “uma mútua proteção hermética, expressa no linguajar próprio de cada área e acompanhada de um desprezo mútuo ou, na melhor das hipóteses, de indiferença” (FLICKINGER, 2010, p. 45), com poucos momentos de conversação entre si, predominando um hermetismo de linguagem. (HERMANN, 2015, p. 221).

Aqui temos um elemento fundamental no conflito entre educação, ciência e filosofia, pois o tema da linguagem se apresenta como essencial, isto é, o domínio e o cerceamento da linguagem se tornam marcas fortes para delinear o papel de poder e de esquadrinhamento territorial dos saberes. A distinção terminológica por um bom tempo será o grande trunfo da capacidade de articulação entre os saberes, donde deriva a predominância da linguagem científica sobre as demais. Por esse paradigma, além do método objetivo e da técnica experimental largamente aplicados às ciências naturais, outros métodos de estudo sobre o livre

arbítrio, o caráter, a personalidade e o intelecto humano são descartados. A ciência que se propõe a estudar as formas de educar



o ser humano não pode conceber estudar categorias abstratas e metafísicas, onde, só vale aquilo que pode ser mensurado, demonstrado e provado.

Assim, ao contrário, alguns pensadores começaram a repensar esse modo positivado de entendimento educacional ao proporem a necessidade de abranger a “natureza do ser humano”, por meio de uma análise mais axiológica. Para Hôvre (*apud* REDDEN; RIAN, 1973) um sistema de educação erigido sem a participação crítica da filosofia e que não leve em consideração os valores da vida humana, constitui um sistema do qual tanto o ser humano como a vida são, para todos os efeitos e propósitos, eliminados. É um sistema de educação ao qual falta realmente educar a criança e, por conseguinte, não é verdadeiro para a vida, não podendo, portanto ser resultado de um processo de humanização do saber.

Porém, isso não significa que foram totalmente sem valor as tentativas do movimento científico em educação, uma vez que foram elaboradas determinadas técnicas, testes padronizados, medidas estatísticas, dentre outras investigações de grande validade, baseadas em processos objetivos e científicos. Essas técnicas passaram a ser reconhecidas como auxiliares valiosos no trabalho educacional da escola. Os resultados de sua aplicação devem ser, porém, avaliados e interpretados em termos de princípios básicos que servem de suporte para uma investigação filosófica mais apurada e crítica.

Uma segunda interpretação realizada por educadores que deixam de reconhecer a vinculação entre filosofia e educação é a interpretação pragmática. Seu ponto de vista é o de que os princípios básicos da educação deveriam ser formulados como consequência das práticas mais bem sucedidas, originadas da experimentação. Essa interpretação defendia que, os princípios básicos da educação só poderiam ser conhecidos e estabelecidos



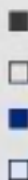
depois de terem sido experimentados, medidos e avaliados pelos melhores métodos e práticas (REDDEN; RIAN, 1973).

17

Deste modo, esta perspectiva acabava por focalizar somente o aspecto material e prático da educação, em contradição com o ponto de vista que realçava os ideais essencialmente éticos da educação que deveriam determinar o conteúdo e os métodos mais adequados para atingir esses ideais, porém, somente tendo como base fundamentos filosóficos podemos obter ideais pedagógicos profundos. Aliás, segundo Carmen Lúcia de Oliveira Cabral e Hosiene Araújo Teodósio,

Pela filosofia, a pedagogia garante a compreensão de valores que deverão orientá-los no futuro, sendo tarefa da Filosofia da Educação estabelecer as bases de uma reflexão rigorosa sobre os problemas educacionais. Para Saviani (1990, p. 17) é tarefa da filosofia da educação “[...] acompanhar reflexiva e criticamente a atividade educacional de modo a explicitar os seus fundamentos, esclarecer a tarefa e a contribuição das diversas disciplinas pedagógicas e avaliar o significado das soluções escolhidas”. Promovendo uma análise acerca do estatuto da filosofia da educação, Mazzotti (2000, p. 185) fala que “toda e qualquer filosofia apresenta-se como uma pedagogia, pois toda filosofia estabelece um percurso para a elucidação de problemas humanos e se põe com o modo adequado e correto de elevar a consciência imediata à consciência mediata” [...] (CABRAL; TEODÓSIO, 2010, p. 7-8).

Sabe-se da importância de bons métodos, de práticas educacionais coerentes, da seleção e organização adequadas do currículo, dos processos administrativos eficientes e, ainda, do emprego do moderno material de ensino. Não há dúvidas de que material de ensino e métodos adequadamente aplicados servem para auxiliar a eficiência do professor na realização dos objetivos.



Porém, deve-se reconhecer que auxílios e métodos têm importância secundária: subordinam-se ao professor, cuja influência, personalidade e capacidade contribuem essencialmente para o êxito ou para a falência dos métodos, processos e técnicas educacionais. É principalmente pela orientação e direção do professor que

18

os alunos adquirem os valores permanentes, hábitos e habilidades, atitudes e apreciações. Redden e Rian (1973) acrescentam que só o professor que se guia pela verdadeira filosofia crítica e reflexiva pode assistir devidamente os alunos na aquisição de valores, habilidades e atitudes, formando uma personalidade preparada para o convívio social.

Além disso, um sistema de educação pode ser cientificamente adequado e muito eficiente, sendo que seus princípios básicos podem ser válidos somente na medida da eficácia dos fins desejados. No entanto, toda a tendência do sistema pode estar fundamentalmente incoerente, por derivar de uma falsa filosofia.

Apesar de as mesmas fontes fundamentais do saber serem acessíveis a todos, os princípios educacionais resultantes, quando baseados em falsas premissas ou presunções não se conformarão uns com os outros e, até mesmo, podem estar em completa contradição. Assim, evidencia-se a necessidade de cuidadoso exame e validação dos princípios para determinar se estão de acordo com a verdadeira natureza humana e com a finalidade da educação. Esses princípios devem ser sempre buscados na verdadeira prática filosófica, que se fundamenta no pensamento reflexivo.



REFERÊNCIAS

BELLO, Rui de Ayres. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1969.

CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira; TEODÓSIO, Hosiene Araújo. **As interfaces entre filosofia e pedagogia**. V CINFE – Congresso Internacional de Filosofia e Educação, Maio de 2010 – Caxias do Sul-RS ISSN: 2177-644x.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Cláudio. **Uma introdução contemporânea à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRARI, Márcio. Hannah Arendt: **uma defensora da autoridade em classe**. Nova escola, São Paulo, p.32-34, jan./fev. 2004.

HERMANN, Nadja. **Pensar arriscado: a relação entre filosofia e educação**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 1jan./mar. 2015, p. 217-228.

KNELLER, George F. **Introdução à Filosofia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de filosofia. Tomo II**. São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Admardo Serafim de. **Introdução ao pensamento filosófico**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1985.

PEREIRA, Cássia Regina Dias. **Filosofia e Sociologia: Um Estímulo à Consciência Crítica**. IX Congresso Nacional de Educação – Educere, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de outubro de 2009 – PUC-Pr.

REDDEN, John D.; RIAN, D. Francis **A. Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3º Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. Brasiliense, 2001.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. RJ: Melhoramentos, 1978.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**. SP: Cortez, 1988.

PONCE, Anibal. **Educação e Luta de Classes**. SP: Cortez, 1981.

ROMANELLI, Otaíza. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1998

SAVIANNI, Demeval. **Escola e Democracia**. SP: Cortez, 1984.